

DF- Educação

LANE

JORNAL DE BRASÍLIA

# Vandalismo na escola

O número é quase inacreditável. Cerca de 40 por cento dos recursos do Departamento de Engenharia e Arquitetura da Fundação Educacional são gastos para recuperar os estragos decorrentes do vandalismo dos alunos da rede pública de Brasília. Segundo o diretor daquele departamento, o dinheiro empregado para recuperar dez escolas seria suficiente para construir outras quatro novas.

O fato é sintomático. A destruição de carteiras, quadros-negros e o furto de lâmpadas e torneiras parecem mostrar, antes de mais nada, que não há uma consciência, entre os estudantes, dos benefícios que a escola pode lhes proporcionar.

Levando mais longe este raciocínio, pode-se dizer que ainda não existe, dentro da cultura brasileira, bem estabelecido, um consenso sobre a importância da própria educação.

Boa parte do vandalismo pode ser creditada à idade dos estudantes. Os adolescentes, em qualquer parte do mundo, por necessidade de afirmação, que conseguem enfrentando a autoridade, seja dos pais, seja da escola, cometem pequenos atos de vandalismo.

O que se verifica no Distrito Federal, mais intensamente em certas áreas, escapa a esta faixa que seria considerada aceitável. Mas dirigentes da Fundação Educacional afirmam que o índice de violência e furto estaria regredindo, em função de um trabalho desenvolvido no sentido da preservação do ambiente escolar.

A situação econômica do País ou mesmo a situação familiar de alguns es-

29 OUT 1964

tudantes não podem ser aceitas como atenuantes para a destruição de bens de uso comum. O que se dá nas escolas é também reflexo do que se dá nas ruas. Como não se pune os que praticam crimes contra o Estado, da mesma forma ficam impunes os que destroem as escolas.

A questão central é mesmo com relação à importância que é dada, ou não, à educação pelo povo brasileiro. Aparentemente, a consciência que se percebe na maioria da sociedade — sobre a necessidade inadiável da construção de um sistema educacional moderno e eficiente — não penetrou em todas as camadas da população.

Envolvido em tantas tarefas que não lhe diziam respeito, o Estado brasileiro perdeu sua eficiência e transformou-se no maior vilão da crise que ora vivemos. Passou a ser culpado por todos os desastros. Daí talvez a destruição dos bens das escolas, dos telefones públicos, das placas de sinalização, de tudo o que é público e alcançável.

O brasileiro, talvez de maneira mais intensa nas grandes cidades, perdeu sua noção de comunidade. A vida moderna também atingiu o núcleo familiar, que não se recompôs das grandes mudanças das últimas décadas. Alunos que destroem escolas podem ser filhos de pessoas que ainda não têm conhecimento do valor da escola.

Se houvesse maior participação dos pais na vida escolar, certamente teríamos menos depredações. Cabe indagar aqui se nas escolas particulares o fenômeno se repete com tanta intensidade.